

**JUVENTUDE BRASILEIRA E EDUCAÇÃO**

Álida Leal • Bréscia Nonato • Licínia Correa • Symaira Nonato (Orgs)

# Juventudes e territórios: o campo e a cidade

Álida Angélica Alves Leal  
Gerson Diniz Lima





Todos os direitos reservados aos/as autores/as. Este livro (ou parte dele) não pode ser reproduzido por meios mecânicos, eletrônicos ou por cópia xerográfica sem autorização prévia dos/as autores/as.

**Série de Cadernos Temáticos**  
**“Juventude brasileira e educação”**

**Juventudes e território:  
o campo e a cidade**

**Autores/as:**  
Álida Angélica Alves Leal  
Gerson Diniz Lima

**Organização:**  
Álida Leal, Brésia Nonato,  
Lícinia Correa e Symaira Nonato

**Capa e projeto gráfico:**  
Carol D'Alessandro

**Diagramação:**  
Editora Fino Traço

**Cadernos da série**

- Juventudes: culturas juvenis e cibercultura
- Juventudes e ensino superior
- Juventudes e escola
- Juventudes e indisciplina nas escolas
- Juventudes e participação política
- Juventudes e processos educativos
- Juventudes, processos educativos sobre drogas e redução de danos
- Juventudes e projetos de vida
- Juventudes e relações de gênero
- Juventudes e relações étnico-raciais
- Juventudes, sexualidade e diversidades
- Juventudes e territórios: o campo e a cidade
- Juventudes e trabalho
- Por uma Pedagogia das Juventudes: educação e a pesquisa como princípio educativo

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD

S163j

Leal, Álida Angélica Alves

Juventudes e território: o campo e a cidade / Álida Angélica Alves Leal, Gerson Diniz Lima. - Ebook - Belo Horizonte : Fino Traço Editora, 2021.

48 p. : il.

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-85-8054-502-9

1. Educação. 2. Formação docente. 3. Jovens. 4. Território. I. Lima, Gerson.  
II. Título.

2021-3656

CDD 370

CDU 37

Álida Leal<sup>1</sup>

Gerson Lima<sup>2</sup>

# Juventudes e território: o campo e a cidade

---

1. Álida Angélica Alves Leal - Professora do Departamento de Métodos e Técnicas de Ensino, Subsetor de Geografia, da Faculdade de Educação da UFMG. Doutora em Educação pela Faculdade de Educação da UFMG. Membro da Equipe de Coordenação do Observatório da Juventude da UFMG.

2. Gerson Diniz Lima - Professor de Geografia do Colégio Tiradentes e Colégio Nossa Senhora do Monte Calvário, Belo Horizonte. Especialista em Tecnologias, Formação de Professores e Sociedade UNIFEI-MG. Mestre em Geografia pelo IGC/UFMG. Licenciado em Geografia e Graduando em Pedagogia pela UFMG.



## **Apresentação Série de Cadernos Temáticos “Juventude brasileira e educação”**

Cara leitora, caro leitor,

É com muito carinho que dedicamos a você, educadora e educador, a **série de Cadernos Temáticos “Juventude brasileira e educação”**. Esse é um importante projeto desenvolvido pelo **Programa Observatório da Juventude (OJ)** da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG). O OJ, iniciado em 2003, inserido na Faculdade de Educação da UFMG, situa-se no contexto das políticas de ações afirmativas, apresentando uma proposta de extensão articulada com ações de pesquisa e ensino em torno da temática educação, cultura e juventudes<sup>3</sup>. A produção deste material é uma resposta e, ao mesmo tempo, um agradecimento a educadoras, educadores e jovens com os quais temos trabalhado há quase 20 anos. De certo modo, é também uma forma de dar continuidade à experiência exitosa dos “Cadernos Temáticos: Juventude Brasileira e Ensino Médio”, produzidos em 2013 como uma das ações do projeto “Diálogos com o Ensino Médio”. Neste novo material, além de algumas temáticas já discutidas ante-

---

3. Para conhecer mais sobre o OJ, acesse o nosso site: <<https://observatoriodajuventude.ufmg.br/>>.

riormente, ampliamos o debate para além da instituição escolar. Assim, oferecemos outras possibilidades reflexivas na interseção do tema Juventudes com outros campos analíticos.

Nosso propósito é o de oferecer subsídios teóricos, metodológicos, didáticos e pedagógicos a profissionais que trabalham com jovens e demais pessoas interessadas na temática, que desejem refletir, dialogar e propor ações junto a tais sujeitos. A série, elaborada no formato de Cadernos Temáticos, conta com 14 volumes que remetem a diferentes aspectos e dimensões relativas às juventudes e processos formativos.

Cada um dos Cadernos, embora conte com registro de autoria, **foi construído a várias mãos [e corações]**. Por um lado, ao longo do processo de elaboração, foi realizada a leitura coletiva e colaborativa por autores/as dos Cadernos desde sua versão mais embrionária até a versão final, o que contribuiu significativamente para o aprimoramento da escrita dos textos. Por outro lado e de modo especial, contamos com a leitura atenta e cuidadosa da Professora Inês Assunção de Castro Teixeira, referência como educadora e com larga experiência na formação de professores/as. Suas contribuições sinalizaram caminhos para produção de escritos que, sem perder a densidade, fossem mais leves e sensíveis – **o que traduz o “jeito OJ” de ser e construir formação com jovens e educadores/as.**

Tal como aconteceu ao longo do processo de elaboração deste material, entendemos que é com múltiplos olhares que cada um/a de nós, educadores/as, dialoga e constrói saberes com os/as jovens, não é mesmo?! Por isso, nosso objeto de inspiração foi o **CALEIDOSCÓPIO**. Você já ouviu falar, manuseou ou brincou com um caleidoscópio? Esse é um aparelho óptico formado por vários espelhos inclinados, que, a partir do reflexo da luz, nos premia com múltiplas possibilidades de figuras, imagens (as)simétricas, multicores, singulares e únicas! Etimologicamente, o termo deriva das palavras gregas καλός (kalos), “belo, bonito”, εἶδος (eidos), “imagem, figura”, e ζκοπέω (scopeo), “olhar (para), observar”. O caleidoscópio é, portanto, um instrumento que nos permite “olhar surpreendentes configurações de imagens”.

Acreditamos que, a partir da leitura dos Cadernos, seja possível construir um caleidoscópio com aprendizagens, olhares, escutas, registros, ações e experiências sobre e com as juventudes. Uma construção que terá como base os conhecimentos que cada um/a já possui, somados às contribuições que buscamos trazer em cada Caderno, propiciando, assim, (re)fazer olhares, (re) construir conceitos, (re)visitar reflexões e, especialmente, **ampliar possibilidades de construção de conhecimento e metodologias com/sobre as juventudes nos diferentes processos educativos!**

Esperamos que cada um/a viva uma experiência caleidoscópica!!! Experiência entendida aqui como “o que nos passa, o que nos acontece, o que nos toca. Não o que se passa, não o que acontece, ou o que toca. A cada dia se passam muitas coisas, porém, ao mesmo tempo, quase nada nos acontece”, como nos diz o professor Jorge Larrosa Bondía (2002, p. 21). De um lado, **desejamos que você olhe para os/as jovens com os quais constrói processos educativos a partir de diferentes ângulos, cores e reflexos, buscando compreender que existem diferentes modos de ser jovem.** Busque “girar o instrumento” e ajustar as lentes para perceber que os diferentes espaços educativos nos quais os/as jovens estão inseridos/as, as culturas juvenis, a forma como se conectam com as tecnologias digitais, as dimensões dos territórios, os demarcadores sociais de diferenças (raça, gênero, sexualidade), suas formas de participação, sua relação com a saúde e a forma como constroem seus projetos de vida evidenciam que estamos falando de juventudes no plural, requerendo de nós educadores/as múltiplos olhares caleidoscópicos. De outro lado, convidamos você, - como nos provoca Rubem Alves com poesia nomeada “A complicada arte de ver” - a fazer um exercício constante de reflexão e questionamento: afinal, o que os olhos dos seus olhos veem? O que os ouvidos dos seus ouvidos ouvem? Ou seja, o que faço com o que eu vejo e escuto acerca dos/as

jovens com os/as quais eu trabalho? Quem são eles/as? Como eu tenho construído processos educativos com eles/as? Trata-se de um convite para que cada um/a perceba os reflexos, as nuances, os movimentos, as cores e, especialmente, as singularidades das juventudes.

A metáfora do caleidoscópio acompanhou toda a nossa construção e, por isso, em alguns itens do Caderno nos remeteremos a essa inspiração: *Iniciando o giro do caleidoscópio* (introdução); *Outros ângulos, cores e formas: para saber mais* (espaço destinado ao compartilhamento de diferentes linguagens que possibilitam ampliar e adensar questões já discutidas no Caderno); *Focalizando imagens: leia mais* (Indicações de referências acadêmicas); *Juntando imagens e reflexos* (considerações finais) e *Caleidoscópio em movimento: para ver, ouvir, registrar e agir* (sugestão de exercício de ação-reflexão-ação contínuo acerca do trabalho com os/as jovens).

Por fim, tal como acontece quando vamos brincar com um caleidoscópio, não há uma ordem a ser seguida para a leitura dos Cadernos. Você pode começar por onde e da maneira que quiser. Convidamos você a olhar para estes Cadernos como se, metaforicamente, estivesse observando para dentro do tubo de um caleidoscópio. Desse modo, é você quem escolhe para onde

deseja girar, a velocidade do giro e se deseja ou não se movimentar diante da luz para focalizar as imagens formadas.

A este respeito, um último detalhe: você notará que, ao organizar os Cadernos de modo circular, será formada uma imagem que nos remete ao giro do caleidoscópio. Este arranjo está presente na guarda (ou seja, no verso da capa e da contracapa) de todos os Cadernos. Nosso intuito foi o de simbolizar que, mesmo podendo ser usados de modo individualizado, os volumes guardam entre si características comuns e se completam. Os desenhos e as cores apresentados em cada volume são algumas dentre milhares de possibilidades imagéticas advindas do caleidoscópio que, assim como as/os jovens, deve ser compreendido por múltiplos olhares, entrecruzando diferentes dimensões e perspectivas.

**Desejamos uma excelente leitura e que sigamos “caleidoscopindo” possibilidades de construção de Pedagogias das Juventudes!**

*Álida Leal, Bréscia Nonato, Licínia Correa e Symaira Nonato*

## Referências

BONDÍA, Jorge Larrosa. Notas sobre a experiência e o saber de experiência. *Revista Brasileira de Educação*, 2002. p. 20-28.

RUBEM, Alves. A complicada arte de ver. *Jornal Folha de São Paulo*, 2004. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/folha/sinapse/ult1063u947.shtml>>. Acesso em: 20 de mar de 2022.





### Iniciando o giro do caleidoscópio

Caras leitoras e caros leitores,

É com muita satisfação que compartilhamos este Caderno, que tem o objetivo de apresentar algumas reflexões sobre relações entre juventudes e territórios. Tal questão é crucial para a ampliação do nosso olhar e de nossa leitura de mundo no âmbito da educação, especialmente acerca de assuntos relacionados a jovens com os/as quais convivemos cotidianamente, seja em nossas casas, escolas, ruas, igrejas, centros culturais e em outros espaços variados, no campo ou na cidade.

A discussão sobre territórios assume cada vez mais centralidade ao pensarmos as juventudes contemporâneas. Isto ocorre devido ao fato de que os diferentes territórios não são apenas palcos onde a vida juvenil acontece, mas participam ativamente na produção de identidades e nas maneiras de ser e estar no

mundo dos/as jovens, influenciando diretamente nas formas destes sujeitos se reconhecerem e serem reconhecidos/as pelos/as outros/as.

Destacamos que questões referentes às múltiplas relações entre juventudes e territórios podem ser observadas, por exemplo, pelo fato de muitos grupos de jovens serem caracterizados de acordo com seus territórios de vivência, entre elas: a turma de trás na sala de aula, os/as jovens da quebrada, as juventudes periféricas, rurais, quilombolas, ribeirinhas, sem-terra, das aldeias... Outra forma de observar a presença de tais questões pode se dar ao analisarmos diferentes músicas compostas por e/ou voltadas para o público jovem, nos seus mais variados estilos. Este exercício de observação é precioso para tentarmos compreender, um pouco mais, aspectos ligados às juventudes no tocante a esta temática.

A este respeito, perguntamos: por acaso você já ouviu a música “Rap da felicidade”? Datada do ano de 1994 e conhecida nacionalmente nas vozes da dupla Cidinho e Doca, a música de origem carioca revela, dentre outros aspectos, alguns desejos de jovens de periferias urbanas em relação ao seu território de moradia e, também, explicita o sentimento de pertencimento das juventudes ao seu espaço de vivência: *“eu só quero é ser feliz/ andar tranquilamente na favela onde eu nasci/ e poder me orgulhar e ter*

*a consciência que o pobre tem seu lugar*”<sup>4</sup>. Assim como referido pelo Rap, a periferia, ao contrário do que comumente se diz, especialmente na grande mídia, não é necessariamente um estigma nem sequer se reduz a um espaço de carência de infraestrutura, exacerbação da violência ou mero dormitório da classe trabalhadora mais vulnerável das grandes cidades. A periferia é um espaço marcado pela complexidade, onde tais questões coexistem com práticas educativas e solidárias, sendo um lugar de trocas afetivas e simbólicas, com múltiplos sentidos e significados para os/as jovens que ali moram e/ou frequentam.

Kaê Guajajara, Kwarahy e Kandu Puri, jovens artistas indígenas, no início de 2020, compuseram uma releitura da clássica música do cancioneiro popular brasileiro “Se esta rua fosse minha”. Na letra, a reivindicação do espaço da rua está presente de maneira marcante. Na canção, estes/as jovens destacam as lutas históricas de seus povos, agora assumidas por eles/as, jovens: *“Essa rua essa rua ela é minha/ Eu refloresto e vou um dia retomar/ Pra todo povo todo povo dessa terra/ Que o genocídio não conseguiu acabar”*<sup>5</sup>. O grupo de rap “Brô MCs”, também composto por jovens indígenas, na música “Retomada”, evidencia sua relação

---

4. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=7pD8k2zaLqk>>. Acesso em: 05 ago. 2021

5. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1E-o77Dmx80>>. Acesso em: 05 ago. 2021

cultural com o seu território, em contraposição ao seu uso econômico, como uma mercadoria. *“Eu não quero dinheiro, importante é minha terra”*, diz um dos versos, sinalizando significados que estes/as jovens imprimem ao território, ligados à sua ancestralidade, revelando outros tipos de pertencimento não vinculados aos interesses capitalistas<sup>6</sup>. Ao contrário de um território-mercadoria ou produto, que pode ser vendido, comprado, expropriado; surge o desejo de um território-obra ou criação, repleto de usos, apropriações, (re)significações e vivências outras.

Quanto aos/as jovens do campo, diversas letras também apontam questões referentes à relação com o território. Por um lado, lembramos a música *“Jovem da roça também tem valor”*, lançada em 1986 por Antônio Gringo e Conjunto Quatro Ventos, e a música *“Meu reino encantado”*, de autoria de Valdemar Reis e Vicente Machado, de 1979, que trazem a resistência à inferioridade muitas vezes imposta aos jovens do campo em relação àqueles/as moradores/as da cidade e, ainda, a problemática da migração. Isto está presente em um trecho da letra da primeira canção: *“este sistema que está nos dominando, expulsa o jovem que tra-*

---

6. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=NrrpGHepXpc>>. Acesso em: 05 ago. 2021

*balha no interior. Faz o jovem viver lá na cidade desaprendendo a vida de agricultor<sup>7</sup>*”.

Por outro lado, contrariando uma visão de senso comum de que o desejo e a escolha da maioria dos/as jovens consistem em sair do campo em direção às grandes cidades, o cantor Nanan apresenta a música “Casa da floresta”, de 2019, reivindicando um modo de vida agroecológico, de morar em um lugar onde se possa plantar o que quiser, contrário ao consumismo, no qual seja possível “*apagar a ilusão de que o que é bom é o que produz demais*”<sup>8</sup>.

Nas diferentes realidades vivenciadas e percebidas por nossas juventudes, seus sonhos e desafios em relação ao território estão representados por diferentes músicas, poesias e outras expressões artísticas. Sugerimos que você, leitor/a, dê continuidade ao exercício de análise aqui iniciado, porém, não sem antes ler as próximas páginas deste Caderno. Esperamos que a leitura possa lhe instigar, especialmente nos processos formativos com jovens, a (re)pensar as suas (e as nossas) relações com os territórios. Assim, acreditamos que seja possível, por um lado, identificarmos espaços que subjagam, subalternizam e desumanizam estes sujeitos e, por outro, agirmos para a construção de espaços solidários,

---

7. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=tS6rtTGaJRY>>. Acesso em: 05 ago. 2021

8. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=fPeExiJlqUc>>, Acesso em: 05 ago. 2021

plenos de esperança, justiça e dignidade, seja para os/jovens, seja para a coletividade.

## **Território, territórios: afinal, do que estamos falando?**

Quando falamos em território, estamos tratando de um conceito polissêmico, que pode ser compreendido sob diferentes vertentes e significados dentro das ciências humanas e, também, em outras áreas, como nas ciências biológicas. Na ciência geográfica, principal área do conhecimento a desenvolver esse conceito, o termo território ganhou destaque enquanto conceito fundante por meio do pensador alemão Friedrich Ratzel (1844-1904), estando diretamente associado a relações de poder, soberania, domínio, mais notadamente o poder exercido pelos Estados Nacionais.

No Brasil, um dos mais importantes intelectuais, o professor Milton Santos, sintetizou muito bem esse conceito tão importante da seguinte maneira:

*O território não é apenas o resultado da superposição de um conjunto de sistemas naturais e um conjunto de sistemas de coisas criadas pelo homem. O território é o chão e mais a população, isto é, uma identidade, o fato e o sentimento de pertencer àquilo que nos pertence. O território é a base do trabalho, da resistência, das trocas materiais e espirituais e da vida sobre as quais ele influi. Quando se fala em território,*

*deve-se, pois, de logo, entender que está se falando em território usado, utilizado por uma dada população. (2000, p. 96)*



### Focalizando imagens



Milton Santos

Fonte: <<https://revistacaliban.net/entrevista-milton-santos-esp%C3%A7o-tempo-e-solid%C3%A3o-a00a87807c1c>>, Acesso em: 30 mar. 2022.

Milton Santos é um dos mais respeitados intelectuais brasileiros, conhecido mundialmente pela genialidade de sua obra. Para saber mais, sugerimos o documentário “Encontro com Milton Santos - O mundo global visto do lado de cá” (Silvio Tendler, 2001): <[https://www.youtube.com/watch?v=UUB5DW\\_mnM](https://www.youtube.com/watch?v=UUB5DW_mnM)>. Acesso em: 20 mar. 2022.

O ser humano está constantemente envolvido na produção e transformação do espaço, por meio das mais diversas formas produtivas, econômicas, sociais, culturais, intelectuais e espirituais, seja do ponto de vista material, seja do campo simbólico

imaterial. Sendo assim, o termo território passou a ser abordado das mais variadas formas por diferentes campos do conhecimento, tendo como base uma construção e apropriação através dos vínculos e relações sociais, individuais ou grupais, sobre uma dada área, referindo-se ao sentimento de pertencimento, apropriação e relações de poder sobre uma dada porção do espaço geográfico.

Sendo assim, o termo território passou a ser trabalhado e utilizado de várias maneiras por diferentes campos do conhecimento, tendo como base as formas de os indivíduos e grupos viverem, de construírem e de se apropriarem dos lugares que habitam, com os quais criam vínculos e relações sociais. O termo território diz respeito às nossas vidas pessoais e coletivas em uma certa área, referindo-se ao sentimento de pertencimento, de apropriação e de relações de poder sobre uma dada porção do espaço. Um sentimento de “pertencer ao que nos pertence”, nas belas palavras de Milton Santos.

Ao observarmos **espaços rurais e urbanos**<sup>9</sup>, percebemos diferentes formas de apropriação, de utilização e de ver, sentir e viver por parte dos diversos grupos sociais, tanto no campo simbólico como material, em variadas escalas espaciais e temporais.

---

9. Embora algumas diferenças entre espaços rurais e urbanos sejam cada vez menos perceptíveis, especialmente com o desenvolvimento das tecnologias e infraestrutura, manteremos esses termos e a divisão que indicam, para fins didáticos.

Um grupo quilombola pode manter, por exemplo, o seu território cultural ligado à sua ancestralidade em áreas rurais tradicionais, mas também pode fazê-lo em um bairro de um grande centro urbano, preservando suas tradições.



### Outros ângulos, cores e formas



Comunidade Quilombola Manzo Ngunzo Kaiango

Fonte: <<http://www.iepha.mg.gov.br/index.php/institucional/legislacao/15-patrimonio-cultural-protegido/bens-registrados/407-comunidade-quilombola-manzo-ngunzo-kaiango>>, Acesso em: 30 mar. 2022.

Em Belo Horizonte, no bairro Santa Efigênia, a Comunidade Quilombola Manzo Ngunzo Kaiango, fundada na década de 1970 por Mãe Efigênia, é um exemplo de território identitário e vivido. Surgiu como um importante movimento de resistência e luta associado à

religiosidade de matriz africana, tendo o terreiro como uma referência vital do grupo. Em 2018, a Comunidade foi registrada como Patrimônio Cultural do estado de Minas Gerais. Para saber mais, consulte a reportagem disponível no site do IEPHA MG.

Tratando das juventudes, grupos de jovens como skatistas ou a galera do funk, por exemplo, pode escolher e se apropriar de uma determinada localidade em uma cidade para se reunir, com uma dada periodicidade, para se manifestarem coletivamente. Este pode ser um espaço comum para a maioria da população, contudo, pode estar carregado de simbolismo, poder e resistência para esses grupos, ocorrendo, assim, o que se chama de **“territorialização”**. Tal processo remete ao surgimento de um processo de reconhecimento, afetividade e identidade de um grupo por um determinado território dentro de um espaço urbano ou rural qualquer. Para que isso ocorra, um determinado grupo exerce um esforço coletivo para delimitar, ocupar, controlar e se apropriar (simbolicamente e/ou materialmente) de uma parcela do espaço, processo conhecido como **“territorialidade”**<sup>10</sup>.

Entre os/as jovens, esses processos de construção e reconstrução de novas territorialidades ocorrem de forma mais dinâ-

---

10. Leia mais: sobre esta discussão, sugerimos a leitura de HAESBAERT, Rogério. Território e multiterritorialidade: um debate. GEOgraphia. v. 9. n. 17, p. 19-45, 2007.

mica e fluida no tempo e espaço, se comparados a outros grupos. Quando estão em espaços urbanos comuns e públicos (viadutos, praças, terrenos baldios etc.), diferentes grupos se apropriam desses espaços para realizar seus encontros ou simplesmente dar um “rolê” - Skatistas, MC’s, Geeks, Cosplayers, jovens ligados a grupos/denominações religiosas, partidos políticos, movimentos sociais, entre outros. Contudo, é principalmente nas periferias urbanas, onde os movimentos de resistência e contestação à ordem socioeconômica e cultural dominante se tornam mais perceptíveis, que tais processos acontecem. Sobre isso, lembramos que os espaços escolares são verdadeiras oficinas para as nossas juventudes, guardando consigo um significado que ultrapassa o local onde ocorre o ensino regular, sendo, também, um **“lugar”**<sup>11</sup> onde ocorre o desenvolvimento da sua vivência e convivência social, além da intelectual e crítica.

Tanto os espaços comuns, como o pátio ou a quadra, quanto os espaços formais, como a sala de aula e sala dos/as professores/as, podem (e são) espaços constantemente territorializados por nossos jovens alunos/as, e por que não, por nós mesmos, educadoras e educadores. A escola, além de território da educa-

---

11. Lugar - É um conceito geográfico relacionado a uma parcela do espaço geográfico ligado a práticas cotidianas das pessoas, normalmente associado ao sentimento de afinidade, como escola, igreja, moradia ou outra área ao qual indivíduos e grupos se identificam.

ção, também se constitui como diversos outros territórios que se sobrepõem e que são apropriados pelos mais variados grupos: religiosos, nerds, turma do futebol, galera da zoação, turma do fundão, “dos caras”, “das minas”, dos players, entre outros.



### **Outros ângulos, cores e formas**

Para outras reflexões sobre possibilidades de leitura da escola como um território, conheça o projeto “Nossa escola em (re)construção”, que visa ouvir o que os/as jovens têm a dizer sobre a escola.

Disponível em: <<https://porvir.org/nossaescola/#como-sonhar-mais>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

Se a territorialização é um processo que envolve integração e busca de pertencimento material e cultural, há também o oposto, quando muitas culturas são negadas. Sob diversos processos de exclusão e segregação, muitos grupos têm seus territórios, identidades culturais e tradições não reconhecidas, usurpadas e criminalizadas. Isto pode ser visto em diversos casos de violência contra os terreiros de religiões de matrizes afro (Umbanda e Candomblé), grupos quilombolas, indígenas, ciganos, entre ou-

tros. Comumente, estes grupos são atacados, por meio do uso da violência psicológica e/ou física, inclusive de extermínio, principalmente em territórios e territorialidades onde há relações conflitantes envolvendo grupos que pretendem impor seus interesses econômicos e seus valores e crenças tidos como “legítimos” e “superiores”. Nesses casos, trata-se de conflitos e lutas por territórios ou, ainda, da expropriação e sobreposição de territórios. Tais processos de negação e exclusão territorial são conhecidos como “**desterritorialização**”.

Nas periferias das grandes cidades, por exemplo, são crescentes os movimentos de exclusão, marginalização e criminalização dos territórios culturais juvenis, principalmente pelos chamados ‘atos de suspeição’<sup>12</sup>, que fazem parte da cultura polícial do Estado, muitas vezes, repressor e segregador. A violência policial contra os/as jovens de periferia, sobretudo os/as pretos/as e pardos/as, conforme apresentam os “Relatórios Anuais do Atlas da Violência no Brasil”, demonstram que a desterritorialização ra-

---

12. Leia mais: para Reis (2002), a suspeição remete “à suposição de que um determinado indivíduo pode vir a cometer um crime” devido, por exemplo, “à presença de tatuagens pelo corpo, sinais ou cicatrizes, tipo de cabelo e até mesmo a cor da pele” (p.181-182). Para saber mais a respeito, leia o artigo completo: REIS, Dyane Brito. A marca de Caim: as características que identificam o suspeito, segundo relato de policiais militares. Salvador, jan./jun. 2002, p. 181-196. Disponível em: <<https://periodicos.ufba.br/index.php/crh/article/view/18627>>. Acesso em: 05 ago. 2021.

cial está enraizada em nosso país. Há que se destacar, ainda, o fenômeno do encarceramento em massa desta população<sup>13</sup>.



### **Outros ângulos, cores e formas**

Você conhece o Atlas da Violência no Brasil? “O Atlas da Violência é um portal que reúne, organiza e disponibiliza informações sobre violência no Brasil, bem como reúne publicações do Ipea sobre violência e segurança pública. Foi criado em 2016 e é gerido pelo Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (Ipea) com a colaboração do Fórum Brasileiro de Segurança Pública.” <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

Sobre a questão da violência contra jovens no Brasil, você já parou para refletir sobre o fato de que jovens negros/as de periferia vivem situações de suspeição ao circularem por diversos territórios da cidade? O vídeo “Ponto de interrogação” ajuda a desnaturalizar nosso olhar sobre esta questão: <[https://www.youtube.com/watch?v=\\_DrMJGI6YnU](https://www.youtube.com/watch?v=_DrMJGI6YnU)>. Acesso em: 20 mar. 2022.

---

13. Leia mais: sobre o assunto, consulte: BORGES, Juliana. O que é encarceramento em massa? Belo Horizonte – MG: Letramento: Justificando, 2018.

Você se recorda do rolezinhos, encontros marcados por jovens moradores/as de periferias em Shopping centers iniciados em São Paulo (2013/2014)? Conheça diferentes visões a respeito no Documentário “Rolezinhos”: <<https://vimeo.com/247559993>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

Sobretudo nas periferias pobres, os/as jovens pardos/as e pretos/as são as principais vítimas da violência e do descaso. Historicamente, no processo de urbanização brasileira, nossas cidades foram formadas a partir do modelo “Centro-periferia”, com a expulsão gradual da população pobre das áreas centrais (mais valorizadas e urbanizadas) em direção às periferias (normalmente abandonadas e precarizadas pelo poder público). Nesse contexto, uma parcela significativa da população sofre com a desterritorialização socioeconômica, sendo-lhe negado **o direito à cidade**, seja pelo poder econômico e/ou político, devido às dificuldades de acesso a moradias dignas, à educação de qualidade, ao mercado de trabalho, acesso à saúde pública, à cultura, ao lazer e infraestruturas urbanas adequadas.

Por outro lado, a exclusão, a falta de oportunidades, a segregação e preconceito também se faz sentir pelos/as jovens das áreas rurais do país. Seja pelas limitações infraestruturais e econômicas, como a ausência de faculdades e instituições de formação

técnica, seja pela pouca disponibilidade de ofertas de trabalho, muitos/as jovens sofrem uma espécie de desterritorialização econômica, sendo forçados/as a migrarem para os maiores centros urbanos em busca de mais oportunidades de estudo e carreira. Tudo isto é agravado em um contexto de crescente expulsão de camponeses/as do seu território pela ação, muitas vezes ilegal, de grileiros/as, especuladores/as de terra, bem como pela construção de barragens e interesses de empresas mineradoras. Tais processos contribuem para que muitos/as jovens percam parte da sua identidade cultural, quebrem laços com o seu território de origem, ocorrendo, assim, uma reculturalização, com a sobreposição dos valores e culturas tipicamente urbanas, sobre as rurais. Como exemplo, podemos citar casos de jovens homossexuais, para quem o tradicionalismo religioso e o conservadorismo contribuem, ainda mais, para que deixem o campo em busca de novas territorialidades que lhes permitam vivenciar com maior liberdade sua identidade sexual<sup>14</sup>.

---

14. Leia mais: Luiz Coletto, no texto “Cidades gays ou a homossexualidade urbana”, propõe uma reflexão sobre a possível relação que homossexuais – enquanto indivíduos e como grupo social – estabeleceram com grandes cidades como forma própria de constituição de suas homossexualidades, discutindo o que nomeia de “diáspora gay”. Disponível em: < <https://queerandpolitics.wordpress.com/2011/08/13/cidades-gays-ou-a-homossexualidade-urbana/#more-1305>>. Acesso em: 05 ago. 2021

Esses processos de resistência, busca por oportunidades e novas vivências ocorrem por meio do que chamamos de **“reterritorialização”**. Os mesmos se dão por meio de movimentos individuais, por coletivos juvenis e pela resistência de povos e grupos tradicionais. Muitas manifestações da cultura negra e indígena, por exemplo, como a música, a dança, o artesanato, a culinária e a religiosidade têm ganhado destaque através da apropriação de espaços públicos, mesmo que estes ainda sejam incipientes, contando com o apoio comunitário, de ONG’s, movimentos sociais e alguns setores da mídia, além da iniciativa privada.



### **Outros ângulos, cores e formas**

Conheça outras experiências juvenis de resistência no/com seus territórios:

- O Bloco Seu Vizinho é uma iniciativa musical originada dentro do Aglomerado da Serra, em Belo Horizonte/MG, que começou como um bloco de carnaval e, hoje é, também uma Escola de Artes Livre e Periférica com foco em música e produção cultural. <<https://www.facebook.com/blocoseuvizinho/>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

- O Coletivo LGBT Sem Terra produziu, em 2020, o documentário “LGBT Sem Terra: O amor faz revolução”, no qual evidencia que respeito e amor fortalecem a luta pela terra. Reportagem e vídeo disponíveis em: <<https://mst.org.br/2020/05/13/trajetoria-do-coletivo-lgbt-sem-terra-e-retratada-em-documentario-do-mst/>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

## **Relações entre juventudes e territórios: (re) pensando algumas questões**

Somos seres sociais cujas práticas espaciais se inscrevem na nossa relação com o mundo, na nossa sobrevivência e na nossa existência. O lugar onde moramos - no campo ou na cidade, por exemplo -, os espaços entre os quais e para os quais nos movimentamos diariamente, dos quais gostamos ou não, e nos quais vivemos (des)encontros com os/as outros/as, nos (con)formam e condicionam como sujeitos de vida e história. Tudo isto ganha diferentes contornos a depender de nossa classe social, raça/etnia, gênero e, dentre outros marcadores, de nossa faixa etária. Enfim, os lugares por onde andamos, que frequentamos, onde vivemos, fazem parte do que nós somos, assim como também somos parte deles, não é assim?

Sobre isso, considerando, por exemplo, as questões de gênero, perguntamos: você já pensou sobre o fato de os territórios

de nossas cidades não serem neutros? Já refletiu sobre o fato das cidades não serem planejadas levando em consideração questões de gênero? Você acha que homens e mulheres sentem-se igualmente seguros em circular em determinados espaços urbanos em diferentes horários? Homens e mulheres sentem-se igualmente representados em peças publicitárias - outdoors, cartazes etc. - espalhadas pelas cidades?

Entre jovens rapazes e moças, são distintos os modos como vivenciam e percebem os espaços públicos, porque as mulheres estão mais vulneráveis ao transitarem neles. Uma hierarquia de gênero recai sobre o direito de circular fora de casa. A violência de gênero impede que mulheres vivam e circulem pelo território com liberdade.



### **Outros ângulos, cores e formas**

Sobre questões de gênero, também tratadas em outro Caderno, o vídeo “As desigualdades de gênero na cidade” mostra a maior vulnerabilidade de mulheres, especialmente jovens e negras, ao transitarem pelas cidades: <<https://www.youtube.com/watch?v=11i840MUI4Q>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

Em resposta à violência sofrida em espaços públicos, mulheres têm ocupado tais territórios com arte. Confira a reportagem: <<https://www.uol.com.br/ecoa/ultimas-noticias/2020/08/24/mulheres-ocupam-cidades-em-resposta-as-violencias-do-espaco-publico.htm>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

Pensar sobre estas e outras questões na relação das juventudes com os territórios, além de compreender suas implicações e consequências, são ações fundamentais para o aprimoramento de processos educativos nos quais estamos envolvidos/as junto aos sujeitos jovens.

Destacamos que, para pensar na temática das relações entre juventudes e territórios, é fundamental identificar e compreender os usos, as apropriações, as (re)significações, as vivências, os sentidos e significados atribuídos aos territórios pelos/as jovens. Conforme o professor Ígor Oliveira e a professora Maria Zenaide Alves (2014), é necessário refletir sobre a forma como estes territórios influenciam as escolhas, os padrões de consumo, os estilos e os modos de vida juvenis. Se os/as jovens com os/as quais lidamos se reúnem em certos espaços com fins culturais, religiosos ou para uso e/ou comércio de entorpecentes, por exemplo, conhecer esses seus territórios pode ser um caminho para dialogarmos com eles/elas.

Para pensar sobre algumas destas questões, trazemos dois vídeos. O primeiro, intitulado “Diz aí Juventude rural - identidade”<sup>15</sup>, mostra diferentes retratos de jovens que vivem em zonas rurais no Brasil. O segundo vídeo, chamado “Domingo nove e meia”<sup>16</sup>, traz registros e reflexões a partir de uma “atividade para re-significação do espaço urbano e as relações entre os seus participantes” em Belo Horizonte. Ambos retratam especificidades das juventudes nestes diferentes territórios, do campo e da cidade, nos instigando a refletir sobre elementos fundamentais para pensar a temática aqui discutida. Não deixe de assistir, para continuarmos a nossa conversa.

Em relação ao vídeo **“Diz aí Juventude rural - identidade”**, quando analisamos as juventudes periféricas urbanas e, também, as juventudes do campo, há que se destacar dois elementos centrais que constituem sua condição juvenil: o lazer e a sociabilidade. Os encontros nas casas de amigos/as e vizinhos/as, as reuniões e festas que giram em torno das práticas religiosas, os jogos de truco e de futebol, as trilhas e banhos em rios e cachoeiras, são marcantes. Em muitos casos, os/as jovens organizam e consomem estes espaços e momentos, seja por diversão, seja

---

15. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=AlhqskKjriw>>. Acesso em: 05 ago. 2021.

16. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=Zx3CrgLVy6Q>>. Acesso em: 05 ago. 2021.

como forma de angariar recursos, seja para a associação comunitária, a igreja, formaturas, moradores/as que necessitam de ajuda para algum gasto específico (viagens, estudos, por motivo de doença etc.).

Neste material audiovisual, também é possível identificar que os/as jovens do campo se apropriam do território por meio do trabalho. Alguns/Algumas jovens, por exemplo, mencionam o chamado “serviço na roça”, quando ajudam suas famílias ou trabalham para terceiros, haja vista a dificuldade quanto à posse da terra para a produção. O trabalho doméstico também se constitui como uma forma de apropriação do espaço, seja no âmbito da própria família ou de outros espaços, dentro ou fora da comunidade. No Brasil, observamos ainda ser comum a prática, nas cidades e especialmente dentre as classes mais abastadas, de “trazer uma moça da roça” para o serviço doméstico e o cuidado de crianças e/ou idosos/as, em troca de moradia, alimentação e (quase sempre precário) retorno financeiro.

Ainda com base no vídeo, salientamos como jovens do campo percebem as relações de poder que caracterizam distinções em relação às cidades. Ser um/a jovem do campo ou “da roça” - palavra usada, por vezes, de forma preconceituosa e pejorativa - constitui uma identidade vista como inferiorizada quando comparada à de jovens da cidade, como eles/elas destacam em suas falas.

Sabemos que tal compreensão é equivocada, por estar baseada em uma construção sócio-histórica hierárquica, que considera o campo como lugar do atraso, precariedade, decadência e ausência de cultura, enquanto a cidade é vista como lugar do movimento, do progresso, da modernidade e de uma cultura superior. A desconstrução dessa visão passa pelo reconhecimento de que o campo afirma-se por suas especificidades, pela diversidade, pela cultura que emerge da produção da vida, portanto, da necessidade de políticas públicas e efetivação dos direitos para seus sujeitos, que vêm sendo expulsos de seus territórios.

Quanto ao vídeo **“Domingo nove e meia”**, sobre as juventudes no espaço urbano, salientamos que tais territórios são cenários para diversas culturas construídas por jovens. Nas cidades, os/as jovens “desfilam” seus variados estilos de vida e modos de ser, (re)criando e demarcando seus territórios e suas identidades. “Cada cultura juvenil distinta cria a cidade ao seu modo” (op. cit., p.13). Podemos observar, por exemplo, que um viaduto, uma praça ou um centro cultural, em determinado dia/horário, pode ser utilizado por um grupo juvenil para o ensaio de blocos de carnaval e, em outro momento, pode ser territorializado por outro/s grupo/s distintos - skatistas, rappers, usuários de entorpecentes, grupos religiosos - em convivências ora mais, ora menos conflituosas.

Nestes territórios, jovens e suas diferentes culturas deixam rastros. É preciso nos atentarmos a estes indícios, a fim de que, nos diálogos com as juventudes, indaguemos: como são distribuídos e acessados, pelas juventudes, equipamentos e serviços públicos presentes nos diferentes bairros e no centro da cidade? Como o poder público trata os diferentes espaços da cidade voltados para a juventude? O que vocês observam quanto a isso? Há um tratamento igualitário e uniforme entre as diferentes regiões da cidade ou o que acontece?

De modo geral, embora salientando as características próprias sobre jovens no campo e na cidade, lembramos a impossibilidade de tratá-los de forma separada, independente e desconectada, pois tais territórios são interdependentes, não estando fechados em seus limites e fronteiras. Eles se misturam por meio dos trânsitos humanos, de bens de consumo, mercadorias e informações; das relações de trocas e sociabilidades. As identidades dos sujeitos são híbridas, (re)construídas cotidianamente. Os processos de (re)(des)territorialização são constantes, constituídos no ir e vir de jovens do campo e da cidade dentro e entre diferentes contextos sociais e culturais.

## **Pensar processos educativos a partir das relações entre juventudes e territórios**

Conhecer e reconhecer os territórios usados, ocupados e (re)significados pelos/as jovens, no dia a dia ou eventualmente, é, sem dúvida, de extrema importância para os/as compreendermos, para conhecermos seus estilos, suas culturas, seus modos de ser e estar no mundo, de forma a potencializar nossas ações educativas junto às juventudes. Sabemos que nossos/as jovens são influenciados pelos diferentes contextos socioeconômicos nos quais estão inseridos e que isto reflete diretamente na forma como veem e vivenciam os processos educativos, podendo ter significados diferentes para eles/as de acordo com a sua realidade vivida e percebida.

Diante disto, também é fundamental percebermos que, para além dos espaços escolares, os territórios e lugares de vivência e convivências das juventudes possuem potenciais oportunidades de aprendizado e crescimento pessoal. Mapear as potencialidades destes territórios pode nos ajudar a perceber diferentes espaços sociais em sua vertente educativa, especialmente a partir da visão das juventudes. Tais espaços possibilitam aprendizagens juvenis, proporcionam a expressão de suas diferentes linguagens, potencializam sua criatividade e autonomia, construindo outras relações sociais, afetivas e de poder, como o “Projeto Territoriar” aponta.



### **Outros ângulos, cores e formas**

Conheça o “Projeto territorial”, que traz a discussão sobre “Territórios educativos”: <<https://centrodede-fesa.org.br/projeto/territorial/>>. O vídeo de apresentação do projeto, no qual está presente a descrição apresentada no texto acima mencionado, encontra-se disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=8Yy6hzyw53s>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

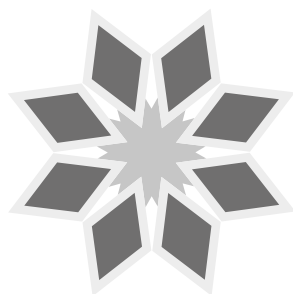
Quanto a muitos processos e territórios educativos que envolvem crianças e jovens, lembramos uma importante reflexão trazida pelos colegas Álida Leal, Gerson Lima e Juliana Batista (2014), que lembram falas muito comuns de que “*é preciso tirar os jovens da rua*” ou de que “*a rua é perigosa*”. Os/As autores/as entendem ser necessário contrapor este discurso, no sentido de compreender que a rua possui uma dimensão socializadora para esses sujeitos, que se apropriam de ruas e praças para encontros, interações afetivas e simbólicas ou para expressarem a cultura por eles/as elaboradas. Distantes dos olhares e da tutela dos/as adultos/as , os/as jovens se reinventam ao reinventar estes espaços no encontro com o outro, transmutando-os em territórios carre-

gados de significados e sentidos próprios. Sendo assim, as ruas também devem ser consideradas territórios educativos, que precisamos compreender melhor, enquanto educadores/as, na lida com as juventudes.

A este respeito, o rapper Emicida, na música “A rua é nós” (2008)<sup>17</sup>, nos convida a circular por diferentes espaços de uma grande cidade, em diversas horas do dia, na companhia de um jovem morador de periferia que acaba de sair de casa em direção à “cidade tensa”. Na música, nota-se a reivindicação da rua como um espaço que se transforma em um lugar, um território que lhe pertence. A rua, espaço público, é território em movimento, de encontro com o outro, de conflitos, de inspiração para a escrita, de manifestações das culturas juvenis. É um território que assim se configura por ser o espaço onde o sujeito está. “A rua é nós/ e nunca vai deixar de ser”, diz a letra da canção. Você já parou para pensar sobre sua relação com a rua? Quais as suas memórias sobre este espaço? E quanto aos/às jovens com os/as quais você convive? Que tal conversar sobre isto com eles/as?

---

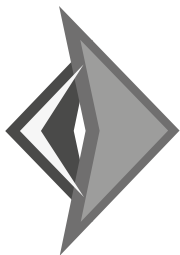
17. Disponível em: <<https://www.lettras.mus.br/emicida/1700685/>>. Acesso em: 05 ago. 2021



### **Juntando imagens e reflexos**

Para finalizar nossa discussão, salientamos que refletir sobre os territórios e mapear seus desafios e potencialidades pode nos ajudar a perceber que eles formam, conformam e deformam as identidades juvenis. Mediante as complexas dinâmicas de produção de um território, constituídas por práticas educativas e de solidariedade e, ao mesmo tempo, por situações de violência física e simbólica, precisamos refletir e propor ações que incentivem e valorizem o direito da juventude à vida, à educação, à diversidade, ao território. Este é o nosso convite a você, leitor/a.

No quadro abaixo, em diálogo com o Caderno “Por uma Pedagogia das Juventudes: educação e a pesquisa como princípio educativo”, sugerimos alguns exercícios. Vamos lá?



## **Caleidoscópio em movimento: para ver, ouvir, registrar e agir**

Nos diferentes espaços pelos quais você transita cotidianamente em seu município – ruas, praças, comércios, escolas, espaços culturais etc. –, certamente você se depara com um/a ou mais jovens que usam e se apropriam dos espaços de diferentes maneiras. Alguns destes espaços, mesmo que não contem com a presença física de jovens em certos horários, costumam estar repletos de “marcas” que revelam a presença das juventudes em diferentes tempos – muros com pichações e grafites, registros escritos em carteiras e paredes de escolas etc. Diante desse fato, sugerimos um exercício interessante que podemos fazer. Começamos escolhendo uma ou mais técnicas – filmagem de vídeos curtos, fotografias, gravações de áudio, registros escritos diversos etc. – para mapear os territórios usados por jovens e os modos como eles/as se apropriam destes espaços.

Em seguida, a ideia é compartilhar estes materiais com um/a ou mais jovens que frequentam este/s espaço/s, que participaram (ou não) desses registros

indicados acima, convidando-o/a para uma roda de conversa. Neste momento, instigue-os com algumas perguntas: quando você costuma frequentar este/s espaço/s? Com quem? Quais atividades você realiza neste/s espaço/s? Você tem gastos para se deslocar e/ou para permanecer neste/s espaço/s? Você gosta de frequentar este/s espaço/s? Você se sente seguro/a ao se deslocar para e/ou nestes espaços em diferentes horas do dia? Por quê? O que este/s espaço/s significa/m para você? Qual/quais outros espaços você costuma frequentar? Por quê?

Este tipo de exercício pode ser um ponto de partida interessante para o diálogo com jovens sobre a temática do território, podendo se desdobrar em aprofundamentos sobre sua percepção acerca da segregação socioespacial, do direito à cidade; qual cidade temos, queremos e precisamos para as juventudes; sobre territórios de lazer e consumo etc. Outras opções para estas e outras atividades e exercícios sobre os territórios juvenis consistem em solicitar aos/às próprios/as jovens que façam o registro a partir destes territórios usados por eles/as - por meio de fotografias, vídeos, poesias, entre outros - ou, ainda, que seja feito o mapeamento dos diferentes deslocamentos dos/as jovens em seus territórios envolvendo moradia, estudos, trabalho, lazer, entre outros, com seu respectivo registro cartográfico impresso e/ou digital.

Conheça alguns materiais de referência e trabalhos realizados com base em outros exercícios de sentir-pensar-agir com e a partir dos territórios juvenis:

- O Documentário “Todo mapa tem um discurso” (Programa Rede Jovem) levanta questões simbólicas e práticas sobre regiões segregadas socioespacialmente não pertencentes ao ‘mapa oficial da cidade’: <<https://vimeo.com/93081871>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

- A publicação “Todo mapa tem um mundo: redes juvenis e as diversas urbanidades” (Associação Imagem Comunitária *et al*, 2019) traz um projeto de cartografia de movimentos juvenis em diferentes territórios brasileiros: <[https://issuu.com/assimagemcomunitaria/docs/todo\\_mundo\\_tem\\_um\\_mapa](https://issuu.com/assimagemcomunitaria/docs/todo_mundo_tem_um_mapa)>. Acesso em: 20 mar. 2022. Sobre o projeto “Localiza!” (Vale do Jequitinhonha/MG), acesse: <<https://localizai.webflow.io/explorar#conectai>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

- A Cartilha #1 “Estudo sobre juventude e participação nas periferias brasileiras” (Instituto Tricontinental de Pesquisa Social, 2020) apresenta o uso de cartografia social no trabalho com jovens: <<https://thetribcontinental.org/pt-pt/brasil/estudo-sobre-juventude-e-participacao-nas-periferias-brasileiras/>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

- “Flores do Jardim” é um filme de autoria coletiva, relacionado ao projeto “Inventar com a Diferença”, realizado na Escola Estadual Julia Teles, localizada

em Sergipe. <<https://www.videocamp.com/pt/movies/flores-do-jardim>>. Acesso em: 20 mar. 2022.

Estas são algumas sugestões para conhecermos melhor os territórios de nossos/as jovens. Outros tipos de atividades e exercícios podem ser encontrados e/ou criados por nós mesmos/as e/ou com os/as jovens com os/as quais trabalhamos. Basta que a gente os imagine, que a gente os crie. E então? Mãos à obra?!

## Referências

ALVES, Zenaide M., OLIVEIRA, Ígor. Juventudes e território: o campo e a cidade. In: CORREA, Licínia (et al.). **Cadernos Temáticos Juventude Brasileira e Ensino Médio**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2014. Disponível em: <<https://observatoriodajuventude.ufmg.br/publication/view/colecao-cadernos-tematicos-juventudes-e-territorios-o-campo-e-a-cidade/>>. Acesso em: 05 ago. 2021

DAYRELL, Juarez. A escola “faz” as juventudes? Reflexões em torno da socialização juvenil. **Educ. Soc.** [online]. 2007, vol.28, n.100, pp.1105-1128.

LEAL, Álida A. Alves; LIMA, Gerson D.; REIS, Juliana B. dos. **Territórios e culturas juvenis**. 2014. Disponível em: <<http://observatoriodajuventude.ufmg.br/juviva-conteudo/05-02.html>>. Acesso em: 05 ago. 2021.

LEÃO, Geraldo; ANTUNES-ROCHA, Maria Isabel. **Juventudes do campo**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.













OBSERVATÓRIO DA  
JUVENTUDE DA UFMG

FaE  
*Faculdade de Educação*

UF *m* G

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DE MINAS GERAIS